

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ANDRESSA DOS SANTOS SCALCO ERNEGAS

**FAMÍLIA E APRENDIZAGEM: COMO A DINÂMICA
FAMILIAR INTERFERE NOS PROBLEMAS DE
APRENDIZAGEM**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2012

ANDRESSA DOS SANTOS SCALCO ERNEGAS



**FAMÍLIA E APRENDIZAGEM: COMO A DINÂMICA
FAMILIAR INTERFERE NOS PROBLEMAS DE
APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof^a Esp. Crizieli Silveira Ostrovski

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2012



TERMO DE APROVAÇÃO

FAMÍLIA E APRENDIZAGEM: COMO A DINÂMICA FAMILIAR INTERFERE NOS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

Por

Andressa dos Santos Scalco Ernegas

Esta monografia foi apresentada às 9:00 h do dia 01 de dezembro de 2012 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Ms. Crizieli Silveira Ostrovski
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof^oMs.Neron Alipio Cortes Berghhauser
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Esp. João Enzio Gomes
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico a todos que assim como eu
são profissionais da educação e
buscam intensamente a
aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nos dar forças para vencermos mais uma etapa das nossas vidas, fazendo dos obstáculos um caminho para alcançar os nossos objetivos, pela perseverança e confiança Nele. Sem ter medo, pois ele está conosco, sempre nos fortificando. “Não tenhas medo, pois eu estou contigo. Não olhes em volta, pois eu sou teu Deus. Vou fortificar-te. Vou realmente ajudar-te. Vou deveras segurar-te firmemente com a minha direita de justiça”. (Isaías 41:10).

Aos nossos familiares por nos darem força, amor, incentivo e sempre nos apoiarem e compreenderem a nossa ausência.

Aos nossos professores que nos mediaram o conhecimento para o nosso crescimento profissional, aos colegas de sala que contribuíram para a nossa formação.

À minha orientadora professora Esp. Crizieli Silveira Ostrovski que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela prestabilidade com que me ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

Se pensarmos no problema de aprendizagem como só derivado do organismo ou só da inteligência, para sua cura não haveria necessidade de recorrer à família. Se, ao contrário, as patologias no aprender surgissem na criança ou adolescente somente a partir de sua função equilibradora do sistema familiar, não necessitaríamos, para seu diagnóstico e cura, recorrer ao sujeito separadamente de sua família. Ao considerar o sintoma como resultante da articulação construtiva do organismo, corpo, inteligência e a estrutura do desejo, incluído no meio familiar (e determinado por ele) no qual seu sintoma tem sentido e funcionalidade... é que podemos observar o possível “atrape” da inteligência.

ALÍCIA FERNANDES

ERNEGAS, Andressa dos Santos Scalco. **Família E Aprendizagem: Como A Dinâmica Familiar Interfere Nos Problemas de Aprendizagem**. 2012, 37fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado “Família e Aprendizagem: Como A Dinâmica Familiar Interfere Nos Problemas de Aprendizagem”. Objetivou analisar como as dinâmicas familiares quando não acontece as funções biológicas, psicológicas e sociais podem afetar a vida do indivíduo e interferir nos problemas de aprendizagem no cotidiano escolar. Propomos-nos a investigar o surgimento da família, as suas diferentes formas, qual são as funções, sua participação no processo de aprendizagem e quais os possíveis transtornos que podem ser originados das relações familiares. Compreendemos por intermédio de nosso estudo a importância da família na relação de aprendizagem. Defendemos a importância da função da família em defesa de uma boa aprendizagem da criança ou adolescente e para que consiga viver emocionalmente bem e não traga possíveis transtornos de aprendizagem.

Palavras Chaves: Família, transtornos, aprendizagem.

ERNEGAS, Andressa dos Santos Scalco. **Família E Aprendizagem: Como A Dinâmica Familiar Interfere Nos Problemas de Aprendizagem.** 2012, 37fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

ABSTRACT

This work completion course entitled "Family and Learning: How Family Dynamics Interferes In Learning Problems." Aimed to examine how family dynamics when there happens biological functions, psychological and social factors may affect the individual's life and interfere with learning problems in school life. We propose to investigate the appearance of a family, its different forms, which are functions, their participation in the learning process, what are the possible disorders that can be derived from family relationships. We understand through our study of the importance of the family in relation to learning. We advocate the importance of family function in defense of good learning of the child or adolescent and emotionally so that you can live well and do not bring possible learning disorders.

Key Words: Family, disorders, learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 A FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA.....	11
2.1 AS MODIFICAÇÕES DA FAMÍLIA NA IDADE CONTEMPORÂNEA.....	12
3 A FUNÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	17
3.1 A FUNÇÃO DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR.....	20
4 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E OS TRANSTORNOS DECORRENTES DA DINÂMICA FAMILIAR.....	23
4.1 OS TRANSTORNOS DE DESENVOLVIMENTO QUE PODEM SER DESENCADEADOS PELAS RELAÇÕES FAMILIARES.....	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
7 REFERÊNCIAS.....	36

1INTRODUÇÃO

Os profissionais da área de ciências humanas estão tendo grande interesse em pesquisar sobre a família e como ela pode influenciar no desenvolvimento e aprendizagem escolar. Na Psicopedagogia, procura-se entender como foi evoluindo a família e sua influência nos problemas de aprendizagem dos filhos para entender as causas das dificuldades de aprendizagem, além de intervir psicopedagogicamente.

De acordo com Yaegashi (2007), é de suma importância a família nas funções psicológicas, biológicas e sociais para o pleno desenvolvimento do indivíduo como escreveu:

De acordo com Soifer (1983), a família é uma instituição responsável pelo cuidado da vida, tanto individual como social, onde se dão e se aprendem as noções fundamentais para a consecução de tal fim que poderíamos resumir como: procriação, cuidado da saúde, preservação da vida, aquisição de conhecimentos, aquisição de habilidades profissionais e aprendizagem da convivência familiar e social (amor, tolerância e solidariedade), transmissão, aperfeiçoamento e criação de normas sociais e culturais. (YAEGASHI, 2007, p. 75).

Segundo Kaloustian (1994) apud Yegashi (2007) a família é essencial para a proteção integral dos filhos e a sobrevivência destes, ela que desempenha um papel decisivo na educação formal e informal dos seus filhos:

Segundo Kaloustian (1994), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal. É em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados os valores culturais. (YAEGASHI, 2007, p.79).

A criança precisa adaptar-se a família e a sociedade, pois, são estas que determinam as regras a serem seguidas, quando ela não consegue inserir no convívio ou não corresponde as expectativas, muitas vezes, produzem um

desequilíbrio na família, além de vários sintomas como as dificuldades de aprendizagem. Quando aparecem tais sintomas que estejam ligados ao desenvolvimento ou à aprendizagem é necessário que a família reflita sobre a sua forma de organização para ajudar a criança a vencer as dificuldades, com apoio de um profissional capacitado como o psicopedagogo.

Na compreensão de Gomes e Oliveira (2003) o psicopedagogo está bem próximo à realidade educacional, por isso, consegue resolver os problemas de aprendizagem:

Aliás, dentre todas as profissões citadas, atualmente, é o psicopedagogo aquele que consegue uma maior proximidade com a realidade educacional, tendo, portanto, melhores condições – teóricas e práticas – para resolver os problemas da aprendizagem. O ponto importante de todo este trabalho é o retorno da avaliação que é dado tanto a família, quanto ao aluno e principalmente a escola, possibilitando, assim, a integração dos agentes envolvidos e a continuidade educacional. (GOMES, OLIVEIRA, 2003, p.15).

A nossa pesquisa está dividida em três capítulos: no primeiro momento destacaremos a definição da família, a sua origem, quais as mudanças ocorridas no processo linear, quais os tipos de família existentes e como estão constituídas as famílias contemporâneas.

No segundo momento apresentaremos as funções familiares. Biológicas, a garantia da sobrevivência da espécie. Psicológicas, poder de afeto indispensável para a saúde emocional. Sociais a cultura, experiências vividas para conviver em sociedade, promovendo a cidadania. Qual deve ser a função da família no desenvolvimento e aprendizagem escolar dos filhos.

No terceiro momento, salientar como acontece a aprendizagem na dimensão biológica, cognitiva, social e no processo de aprendizagem como função do eu e como as relações familiares mal resolvidas poderão favorecer o aparecimento de transtornos do desenvolvimento (pontuando cada um deles) em crianças e adolescentes, podendo gerar até mesmo os distúrbios de aprendizagem.

Desta forma, procuramos compreender como as dinâmicas familiares podem interferir no processo de aprendizagem dos alunos.

2 A FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA

A família é e continuará sendo, a par de seu papel na preservação da espécie, um laboratório de relações humanas onde se testam e aprimoram os modelos de convivência que ensejem o melhor aproveitamento dos potenciais humanos para criação de uma sociedade mais harmônica e promotora de bem-estar coletivo.

Osório

A família é uma instituição que tem sofrido muitas transformações em suas estruturas nos dias atuais. Mudanças que ocorreram sobre o amparo da revolução sexual e sobre a influência dos questionamentos do lugar em que o homem e a mulher ocupam em suas relações interpessoais. No entanto, para entendermos a evolução linear da família é preciso buscar o conceito de família.

Osório (1996) ressalta que é difícil conceituar o que é família, por existir muitas descrições das estruturas ou modalidades que a família assumiu ao longo dos tempos. Ele ressalta diversos autores para conceituar o que é família:

Escardó observa-nos que “a palavra família não designa uma instituição padrão, fixa e invariável. Através dos tempos a família adota formas e mecanismos sumamente diversos e na atualidade coexistem o gênero humano tipos de família constituídos sobre princípios morais e psicológicos diferentes e ainda contraditórios e inconciliáveis”.

Segundo Pichon-Rivière, “a família proporciona um marco adequado e definição e conservação das diferenças humanas, dando forma objetiva aos papéis distintos, mas mutuamente vinculados, do pai, da mãe e dos filhos, que constituem os papéis básicos em todas as culturas”.

Para Levi-Strauss são três os tipos de relações pessoais que configuram a família: aliança (casal), *filiação* (pais e filhos) e *consangüinidade* (irmãos). Isso nos conduz a outro referencial intimamente vinculado à noção de família: o parentesco. (OSÓRIO, 1996, p. 15).

A família na qual conhecemos hoje de pais e filhos surgiu a partir do momento que as pessoas perceberam que o casal que deu origem a ligação de pais-filhos, pois, por intermédio desta relação é que aparece o verdadeiro sentido da família de gerar e criar os filhos. Como nos aponta o mesmo autor: “Não obstante, a noção da família repouse sobre a existência do *casa/* que lhe dá origem, consideram que sua

essência esteja representada na *relação pais-filhos*, já que a origem e o destino deste agrupamento humano coincidem no objetivo de gerar e criar filhos”. (OSÓRIO, 1996, p.15).

Ainda define o conceito de família ao dizer:

Família é uma unidade grupal onde se desenvolve três tipos de relações pessoais – aliança (casal), filiação (pais filhos) e consangüinidade (irmãos) – e que a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para a aquisição de suas identidades pessoais, desenvolveu através dos tempos funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais. (Osório, 1996, p.16).

São três os formatos de família: a nuclear (conjugal), que é composta por um tripé pai-mãe-filhos; a extensa (consangüínea) é formada por membros que possuem algum parentesco e a abrangente é constituída de pessoas que moram juntas sem que possuam parentesco.

2.1 AS MODIFICAÇÕES DA FAMÍLIA NA IDADE CONTEMPORÂNEA

Atualmente ouvimos muito falar de crise na família, na compreensão de Osório (1996) a família nunca deixará de existir, ela sempre terá o seu papel de aperfeiçoar e experimentar pelas relações familiares as normas de convivência em que visem tirar o que existe de melhor nos potenciais humanos, a fim de que a sociedade se torne mais justa e que promova o bem para todos.

Essa crise que a família está passando acontece devido às novas mudanças que ocorrem no século XIX que vão moldando as famílias, mudando hábitos, culturas que é repassado pelos meios de comunicação.

A família de hoje está se transformando, por isso, não devemos imaginar apenas os referenciais tradicionais, porque houve grandes transformações devido ao progresso das ciências biológicas, as novas técnicas de reprodução humana e as mudanças no comportamento sexual repercutiram na construção das novas famílias contemporâneas, como nos aponta o escritor:

Evidentemente muito tempo transcorrerá até que possamos nos referir a um modelo de família universal. No entanto, já nos é possível visualiza-lo a partir de certos referenciais que pautam as transformações porque passa a

família de nossos dias. Ainda que, pela complexidade dos fatores subjacentes a essas transformações, não seja possível considerar isoladamente o papel de cada um, há um certo consenso sobre a influência marcante do progresso das ciências biológicas (e em decorrência suas repercussões sobre o mecanismo da reprodução humana) e do advento da psicanálise (por sua elucidação das raízes psicodinâmicas do comportamento sexual humano) nas mudanças das relações entre os sexos e conseqüentemente na composição da família contemporânea. (OSÓRIO, 1996, p. 47).

Na compreensão de Yaegashi (2007), um dos principais fatores que propiciou a mudança da família foi à entrada da mulher no mundo do trabalho. Na década de 80, acompanhado pela globalização, houve um grande aumento do número de mulheres em vários postos de trabalho. Juntamente com as transformações culturais, tecnológicas, científicas e emocionais que a família vem sofrendo ao longo da história é preciso interligar a sexualidade e a moral no processo da modificação na sociedade. Não podemos apenas falar de sexualidade feminina ou masculina, pelo grande avanço em que os homossexuais tiveram na sociedade, pressionando o mundo em reconhecer o comportamento destes como uma opção sexual.

O sexo deixou de ser uma função reprodutora, de acordo com Osório (1996) os métodos anticoncepcionais, reprodução em *in vitro*, cirurgias transexuais, promiscuidade sexual, doenças sexualmente transmissíveis, gerou a chamada revolução sexual:

A crescente segurança dos métodos anticoncepcionais e o aperfeiçoamento de fecundação *in vitro*, praticamente dissociando o coito da função reprodutora; os progressos da cirurgia reconstrutiva permitindo a consumação do transexualismo, a superação de tabus e preconceitos pelo maior conhecimento da fisiologia sexual e do psicodinamismo da sexualidade humana, o aumento da promiscuidade sexual, com o conseqüente recrudescimento das doenças venéreas e o advento da AIDS – eis algumas das novas circunstâncias que vêm balizando a discussão sobre a chamada “revolução sexual” no limiar do terceiro milênio e dando lugar a uma bateria de questionamentos sobre o *locus* da sexualidade no contexto existencial dos seres humanos. (OSÓRIO, 1996, p.48).

No entanto, a sexualidade nunca andou tão relacionada com a moral como nos nossos dias. Esse moralismo acontece pelo fato do cristianismo não aceitar a liberdade da sexualidade, indo contra a história recente da atualidade. No entanto, mesmo que existam conflitos, a revolução sexual não poderá haver um retrocesso, pois ela caminha de maneira irreversível:

A assim chamada revolução sexual é, contudo, um processo em marcha irreversível, malgrado todos os esforços da religião institucionalizada para sufocá-la ou, ao menos, conter seus avanços. (OSÓRIO, 1996, p.49).

O mesmo autor aponta que o novo modelo de sexualidade encontrado nos nossos tempos busca o prazer sem culpas e sem transtornos indesejados, possibilidade de formar afeto e estabelecer vínculos amorosos:

O livre exercício da sexualidade é uma conquista da sociedade contemporânea e, ao contrário do que apregoam muitos moralistas de plantão que vicejam nas sebes da hipocrisia, não será ela responsável por nenhum apocalíptico desregramento do convívio social e nem ameaçará a sobrevivência da família, que repousa sobre outras primordiais motivações e necessidades humanas. (OSÓRIO, 1996, p.49).

Com a liberdade na sexualidade, a família aparece como um modelo menos repressor em que fará experiência e análise dessa nova moral sexual, vivendo em harmonia com as necessidades.

Com essas transformações ocorre uma crise nos antigos formatos de família. Surgem as famílias de casais gays, com a extinção dos casamentos, aparecem os lares dos solteiros ou com apenas um dos pais, dissolvendo a autoridade patriarcal sobre a família.

Segundo Gomes e Paiva (2003), apud Yaegashi, (2007), surgiram um novo conceito de casamento, as famílias atuais, tem cada vez novos parceiros, filhos e agregados, perdendo a função da figura paterna, já que em muitas casas a família é representada somente pela figura materna.

No mundo atual as separações conjugais tornaram-se comuns nos casamentos contemporâneos, surgindo uma nova alteração familiar de suma importância em nossos tempos, passou-se a existir as famílias reconstruídas. Estas famílias trazem consigo novos vínculos que não foram imaginados e uma nova realidade de hábitos de vida que não estão presentes nas famílias nuclear, abrangente ou extensa. Sendo assim, as famílias reconstruídas, ocasionam mudanças expressivas na relação familiar, em que não existe um referencial a ser seguido pela falta de experiências anteriores na progressão da família para limitar o processo sócio-cultural desses novos modos de convívio familiar:

As reconstruções familiares acarretam obviamente mudanças significativas no campo relacional familiar, provocando a emergência de situações sem

precedentes para as quais não há experiências prévias na evolução da família que possam servir de referência para balizar o processo de assentamento sócio-cultural dessas novas formas de convívio social. (OSÓRIO, p.56).

O escritor relata que pela falta de situações vivenciadas por estas famílias podem-se gerar conflitos, como os de lealdade que surge de filhos de pais separados, o exercício da autoridade dos filhos próprios e os que não são seus parentes, os que procedem de casamentos anteriores do outro cônjuge, a convivência entre meios-irmãos, irmãos circunstanciais, os dois lares, os pais de fim de semana, os avós postiços e a presença imaginária ou quando não premeditadamente declarada dos ex-cônjuges no cotidiano das novas famílias. São alguns fatores que indicam a complexidade e o drama que ronda o contexto das famílias reconstruídas. Estas por sua vez, são um território repleto de desafios e perplexidade para os que estudam e tentam compreendê-las.

De acordo com Fonseca (2002), apud Yaegashi, (2007) não existe um modelo uniforme e igual para as famílias na sociedade atual. Ressalta-se na modernidade a família que é baseada no amor romântico, o matrimônio ideal e o afeto no alicerce da vida familiar. Muitas crianças hoje em dia, são concebidas fora do casamento, sem uma ligação entre casal, casamento e família. Os valores são repassados nas relações sociais contemporâneas pelo presente, no bem-estar do momento, sem importar o passado ou o que não pode ser eliminado:

Fonseca (2002, apud Machado, 2005) afirma que não há um modelo homogêneo e hegemônico quando se busca compreender as formas familiares predominantes na sociedade atual. De acordo com a autora, o modelo atual é uma extensão do ideal de família preconizado na modernidade, que enfatiza o amor romântico, o matrimônio ideal e o afeto com base na vida familiar. Entretanto, à medida que esses valores foram sendo incorporados à vida conjugal, as relações tornaram-se abertas à negociação, permitindo a legitimação de formas familiares não aceitas socialmente. Outro aspecto destacado pela autora é o aumento do número de crianças nascidas fora do casamento, aspecto que estabeleceu uma desconexão entre elementos que historicamente eram interligados: casal, casamento e família. Ela acrescenta ainda que, se antes a tradição era transmitida sob a forma de valores familiares, de uma geração para outra, caracterizando a importância do passado e a concepção de indissolubilidade da família, com ênfase na consangüinidade, nas relações sociais contemporâneas, a ênfase agora está no presente, no bem estar do momento, não importando a indissolubilidade ou passado. (FONSECA, 2002 apud YAEGASHI, 2007, p. 73-74).

Na compreensão de Yaegashi (2007) a concepção de família é bastante complexa na atualidade, pela forma diferenciada da família nuclear tradicional e patriarcal, pelos seus membros, pela nova definição dos papéis familiares e a nova distribuição do poder.

Apesar das mudanças ocorridas na família contemporânea e suas alterações nos papéis familiares, as suas funções precisam continuar sendo as mesmas, para garantir o pleno desenvolvimento do sujeito.

3 A FUNÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

[...] a família continua sendo percebida como a viga mestra de qualquer realinhamento no processo evolutivo do ser humano.

Osório

Atualmente há um grande acesso ao conhecimento e as informações teóricas no campo da Psicopedagogia, que contribuem enormemente para a compreensão da qualidade das relações familiares e do desenvolvimento saudável da personalidade. Por outro lado, constata-se que a família, a escola e a sociedade parecem estar encontrando grandes dificuldades na educação de crianças e de jovens, o que se deve em grande parte, às inúmeras controvérsias a respeito das funções de cada uma dessas instâncias.

Como resultado, encontra-se hoje um grande número de crianças e adolescentes com fortes dificuldades de se inserirem na vida social e escolar, o que aponta para graves sinais de enfermidades psicológicas, sociais e educacionais. A família, a escola e a sociedade vivem hoje, um momento bastante crítico que poderá desencadear um aumento das patologias mentais, ou como afirma Osório (1996, p.47), "(...) dar origem a novas formas de configurações familiares, como as que esboçam neste limiar do século XXI, adequando-se às demandas desse novo giro na espiral ascendente da evolução humana".

A subjetividade se constrói na relação com o outro, no campo do humano, dos afetos, das paixões, preferencialmente dentro de uma instituição à qual chamamos Família. Portanto, é através das interações iniciais do bebê com sua mãe e do valor afetivo desse vínculo que se formará o protótipo da relação entre o indivíduo e a sociedade. Deste modo, as mudanças atuais na constituição, configuração e funcionamento familiar, irão necessariamente acarretar mudanças na subjetividade das pessoas.

De acordo com Bossa apud Neumar Gianotti Fonseca (1999), nos ressalta que além da família garantir a qualidade de vida da criança também são responsáveis pela construção do aparelho psíquico do seu filho. Porque nascem com uma total dependência dos adultos que estão ao seu redor, principalmente do

pai e da mãe. Mesmo possuindo um fator genético que interfere na sua vida, será menos influente do que a educação recebida.

Através das influências familiares, vai-se paulatinamente moldando seu comportamento. Os pais o fazem, na maioria das vezes, de modo inconsciente. Diga-se que os resultados esperados, quando se quer influenciar de modo consciente e deliberado, nem sempre acontecem. O que é ensinado inconscientemente tende a permanecer por mais tempo.

Osório (1996) considera de fundamental importância para o desenvolvimento posterior da criança e para sua aprendizagem escolar, os sentimentos que os pais nutrem por ela durante os anos anteriores à escola. Tais sentimentos contribuem para o desenvolvimento do conceito de si própria (o autoconceito), o conceito do mundo e de seu lugar no mundo. Considera o autoconceito como base de toda aprendizagem, pois se a criança julga-se capaz de aprender, aprenderá muito mais do que se ela nutrir sentimento de incapacidade.

É fácil constatar que é na família que se estabelecem as primeiras noções de limite. Os pais são os primeiros educadores e responsáveis pelas atitudes positivas ou negativas das crianças. De acordo com Torre apud Hito e Bueno (2004, p.23) “a família é normalmente o primeiro grupo social a que pertence o ser humano, e entre todas as instituições sociais é aquela pela qual se realizam contatos mais íntimos, já que grande parte da vida e os acontecimentos importantes em geral são vividos na família”.

A família para o desenvolvimento pleno do indivíduo precisa desenvolver a sua função do ponto de vista biológico, psicológico e social, contribuindo assim tanto para o desenvolvimento saudável quanto patológico de seus componentes.

De acordo com Soifer (1982), apud Orsi (2003) a função da família é educar, o que pressupõe ensinar o cuidado e a manutenção da vida. A educação abrange a transmissão de valores que variam de acordo com a cultura e que são fundamentais para que se possa viver de forma comunitária.

Assim como Orsi, Hito e Bueno (2004) também ressaltam a função da família na concepção educacional, referindo-se a transmissão dos hábitos, conhecimentos e atitudes necessárias para a prole participar da vida em grupo. No que se refere à função educacional, é necessário distinguir entre a instituição e a formação, ou seja,

a educação propriamente dita que implica transmissão de atitudes e hábitos higiênicos, morais, religiosos e sociais.

Segundo Osório (1996, p.20), a função biológica não é somente reproduzir a espécie pela relação sexual, pois com os meios tecnológicos esta visão está ficando ultrapassada, já que existe a reprodução humana e a possível clonagem dos seres humanos, mas deve ser essencial a sobrevivência da espécie pelos cuidados necessários como nos relata: “Em resumo, a função biológica da família é a de garantir não a *reprodução* e sim a *sobrevivência* da espécie através dos cuidados ministrados ao recém-nascido”.

Cabe a família, servir de base para as ansiedades que possam existir de seus filhos, durante o processo de evolução, porque quando o indivíduo passa por essas crises, se ele tem o suporte familiar correto não ocorrerão desestabilizações provocadas por estas crises:

Outra conspícua função psíquica da família é servir de continente para as ansiedades existenciais dos seres humanos durante o processo evolutivo. A superação das chamadas “crises vitais” ao longo do périplo existencial de cada indivíduo é indubitavelmente favorecida por um adequado suporte familiar a desestabilização que tais crises acarretam. (OSÓRIO, 1996, p.21).

A família precisa promover a vivência individual e coletiva pela experiência que reuniu para os filhos, sendo uma função psicológica porque passa pela identidade pessoal através da cultura de seus familiares e na socialização pelo âmbito pedagógico, por preparar o indivíduo para exercer a cidadania.

Incluem-se nessas funções proporcionar um ambiente pedagógico para a aprendizagem empírica, auxiliando no desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social da criança:

Também tangenciando a esfera pedagógica está outra das funções psicológicas da família, qual seja proporcionar o ambiente adequado para aprendizagem empírica que baliza o processo cognitivo do ser humano, bem como facilitar o intercâmbio de informações com o universo circunjacente. (OSÓRIO, 1996, p.21).

De acordo com Soifer (1983), apud Yaegashi (2007), a família tem a função de cuidar fisicamente, ensinar as relações familiares, sociais, sentimentais, transmitindo conhecimento de atividades produtivas e recreativas, inserir profissionalmente e ensinar como consolidar uma família.

Como função social da família está a transmissão de cultura além da preparação do indivíduo para a sociedade. Os pais não só influenciam o comportamento dos filhos, mas a conduta destes pode condicionar ou modificar a atitude dos pais. Os papéis da família poderá ser uma relação de troca em que os pais garantem a sua sobrevivência nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais e posteriormente os filhos na velhice dos pais poderão fazer o mesmo.

3.1 A FUNÇÃO DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

A função da família em participar na educação da criança assim como mantê-lo na escola está admitida nas leis de nosso país desde meados dos anos 90, como nos ressalta o *Estatuto da Criança e do Adolescente (LEI 8069/90)* em seu artigo 4º, além da *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI 9394/96)* em seus artigos 1º, 2º em que rezam:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990)

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

A aprendizagem que acontece na escola é de grande importância para o desenvolvimento infantil e é determinada pela influência de fatores individuais e ambientais. Orsi (2003) apud Yaegashi com o artigo *Dinâmica das relações familiares (2007)*, destaca os aspectos afetivos dentre os fatores individuais. São estes aspectos que determinarão a relação da criança com o desempenho da aprendizagem escolar e com o desenvolvimento da personalidade.

Dentro deste contexto, Maturano (2000), apud Yaegashi (2007), considera a escola e a família como fontes de recursos fundamentais no processo de construção da aprendizagem.

A busca por conhecimento é uma necessidade própria da natureza humana que muitas vezes recebe a influência pelas expectativas criadas pela criança e sua família em relação a escolarização.

Fernandez (1990) apud Yaegashi (2007) defende a aprendizagem como característica universal do próprio ser humano. A aprendizagem surge da associação entre a cognição, desejos e necessidades. Assim como Yaegashi (2007) nos confirma essa associação quando nos relata:

A possibilidade do alcance da criança de aprender tem suas implicações nas condições em que a criança vive, nas características pessoais de interação com o meio e nas diferenças culturais que influenciam e dão significado ao saber. (YAEGASHI, 2007, p.130).

A mesma autora destaca alguns recursos do ambiente familiar que podem auxiliar e facilitar a aprendizagem:

(...) a organização do ambiente físico e disponibilidade de materiais educacionais, o envolvimento dos pais no processo de desenvolvimento dos filhos, a interação entre pais e filhos e uso da linguagem do lar. (...) a presença dos recursos materiais não é significativa sem a presença e a disposição dos pais para interagir com os filhos. (YAEGASHI, 2007, 131).

De acordo com Fernandez (1990) apud Yaegashi (2007), existem quatro níveis que interferem na aprendizagem, são eles: organismo, corpo, inteligência e desejo, formando um todo que está inserido a um ainda maior que é a família, que está interligado ao sistema socioeconômico-educativo. Para que a criança se desenvolva totalmente, a autora vê a necessidade de outro ser para facilitar a aprendizagem, além de oferecer recursos para a sobrevivência corporal e afetiva, fazendo com que ela reconheça os limites de si mesmo e do outro e a sua individualidade.

Weiss (1994), relata que a aprendizagem se caracteriza como um seguimento que abrange pensamento, afeto, linguagem e ação. Quando estes entram em discordância por qualquer motivo, sofrem rupturas ou inibições acarretando inúmeras dificuldades. Diante do crescente número de crianças com dificuldades de

aprendizagem, a psicopedagogia tem buscado na psicanálise o referencial teórico para a compreensão desses problemas.

Na concepção de Orsi (2003) apud Yaegashi (2007) a psicanálise procura entender a instabilidade do fracasso escolar não somente como episódios psicopatológicos na formação do psiquismo, mas vai além, a fim de compreender que as pressões externas resultantes da vida social do indivíduo ou dele com a sua família, podem se instalar como distúrbios na aprendizagem favorecendo o fracasso escolar.

As dificuldades de aprendizagem que em grande parte surgem pelo fracasso escolar estão reunidas em subgrupos, como os sistemas familiares, educacionais e sociais que se relacionam entre si. Da mesma forma que Maturano (2000) apud Yaegashi (2007, p.132) nos confirma: "(...) a dificuldade de aprendizagem é um sintoma que envolve a esfera biopsicossocial e, portanto, deve ser compreendida a partir de seus três constituintes básicos: a criança, a escola e a família".

Hoje, existe a necessidade de retomar a responsabilidade familiar que, outrora, era tão evidente nos lares. Percebemos que a educação dos filhos assume um caráter de maior permissividade junto aos pais, com mudanças ocorridas na estrutura familiar, permitindo maior liberdade aos filhos, esquecendo de que eles necessitam de apoio e educação.

Nesta dinâmica familiar, temos visto a crescente "crise de gerações", a dificuldade no relacionamento dos pais e filhos, no estabelecimento de laços familiares. Observa Áries (2006, p.238): "O sentimento da família não se desenvolve quando a casa está muito aberta para o exterior: ele exige o mínimo de segredo".

O que notamos, na maioria das vezes, são pessoas com pouca disponibilidade para estar com os filhos, após uma jornada exaustiva de trabalho. Assim, para suprir sua ausência os presenteiam com objetos materiais, com excessivo conforto, mas são presentes embrulhados em angústias. E, por vezes, embrulhos que despertam a culpa nos filhos por verem seus pais fazerem tanto sacrifício para lhe darem tudo.

Com essas mudanças, as crianças não estão conseguindo se desenvolver totalmente, provocando em alguns casos, transtornos no seu desenvolvimento que geram sintomas podendo ser amenizados ou acentuados pelo contexto familiar em que vivem.

4 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E OS TRANSTORNOS DECORRENTES DA DINÂMICA FAMILIAR

Se pensarmos no problema de aprendizagem como só derivado do organismo ou só da inteligência, para sua cura não haveria necessidade de recorrer à família. Se, ao contrário, as patologias no aprender surgissem na criança ou adolescente somente a partir de sua função equilibradora do sistema familiar, não necessitaríamos, para seu diagnóstico e cura, recorrer ao sujeito separadamente de sua família. Ao considerar o sintoma como resultante da articulação construtiva do organismo, corpo, inteligência e a estrutura do desejo, incluído no meio familiar (e determinado por ele) no qual seu sintoma tem sentido e funcionalidade...é que podemos observar o possível "atrape" da inteligência.

ALÍCIA FERNANDES

Segundo Sara Pain (1985), refletir sobre aprendizagem significa "um lugar de articulação de esquemas", nesse processo igualam-se várias organizações teóricas em que esse mecanismo vai exercer e preocupar o conhecimento científico, como nos relata:

Nesse lugar do processo de aprendizagem coincidem um momento histórico, um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito associado a outras estruturas teóricas de cuja engrenagem se ocupa e preocupa a epistemologia; (PAIN, 1985, p.15).

Para entendermos como acontece o processo de aprendizagem na visão da autora é necessário compreendermos as dimensões que englobam. Destacaremos a dimensão biológica do processo de aprendizagem, a dimensão cognitiva, a dimensão social e o processo de aprendizagem como função do eu.

No processo biológico de aprendizagem Piaget aponta duas funções comuns à vida e ao conhecimento: a conservação da informação e a antecipação. Na primeira, aparece a noção da memória em que observa a conquista da aprendizagem e a preservação como tal. Que obtemos até mesmo com informações que adquirimos externamente, um esquema interno que é mais ou menos estruturado. Como nos relata:

Isto explica o comportamento vital de exploração espontânea que garante o ajustamento ótimo do indivíduo a cada situação, e garante também a manutenção de seus esquemas de reação já existentes. A mesma atividade assimiladora concilia as descrições feitas para demonstrar a formação de reflexos condicionados e a dos condicionamentos “instrumentais”; estes últimos aparecem como descobertas cujas relações são resultado de uma ação sobre a realidade, que é orientada pela coordenação de esquemas nascidos por um processo de diferenciação dos dados sobre os quais estes esquemas se aplicam e aos quais se acomodam. (PAIN, 1985, p.16).

No bebê, as suas condutas sensório-motoras não são inatas, porque a estrutura do conhecimento deve ser construída, mesmo que seja hereditária a habilidade da inteligência. A herança da inteligência instala-se no cérebro, pela disponibilidade morfológica de conexões possíveis e na molécula do DNA, tendo a sua programação em processos instintivos como o de sucção, acontecendo assim os primeiros processos de aprendizagem.

A construção do seu conhecimento acontece pelas suas experiências ou manipulação do meio, proporcionada por fatores internos que vão coordenando e estruturando as suas ações. Pain (1985) descreve três tipos de conhecimento:

Teríamos então três tipos de conhecimento: o das formas hereditárias programadas definitivamente de antemão, junto ao conteúdo informativo relacionado ao meio no qual o indivíduo atuará; o das formas lógico-matemáticas que se constroem progressivamente segundo estágios de equilíbrio crescente e por coordenação progressiva das ações que se cumprem com os objetos, dispensando os objetos como tais; e em terceiro lugar o das formas adquiridas em função da experiência, que fornecem ao sujeito informação sobre o objeto e suas propriedades. (PAIN, 1985, p.16).

Pela ciência genética e por sua dimensão biológica, a aprendizagem acontece em sentido amplo “a qual consistiria no desdobramento funcional de uma atividade estruturante, que resultaria na construção definitiva das estruturas operatórias esboçadas em tal atividade”. (PAIN,1985, p.16). No sentido mais restrito quando se conhece as propriedades e as leis dos objetos, ocorrendo sempre por assimilação a essas estruturas que se organizam pela inteligência do real.

De acordo com Greco (1959) apud Pain (1985) a dimensão cognitiva do processo de aprendizagem acontece em três tipos diferentes, a primeira em que diante de uma situação desconhecida o sujeito adquire uma conduta nova que surge das confirmações que são trazidos pela experiência aos ensaios mais ou menos arbitrários do sujeito. O erro e o ensaio sempre irão ajudar para que ocorra uma organização prévia, que pode ser incompetente ou correta.

A segunda aprendizagem acontece pela regulação que determina as mudanças dos objetos e suas relações mútuas, a experiência corrige ou confirma as hipóteses ou precipitações que surgem pela manipulação dos objetos. Ocorre o processo de realimentação, que incluem os esquemas de assimilação, os funcionamentos de antecipação e retro-ação que podem corrigir e aplicar o esquema e propiciar a acomodação necessária.

A aprendizagem estrutural, que é associada ao nascimento das estruturas lógicas do pensamento, em que consegue organizar uma realidade racional e sendo cada vez mais equilibrada. A experiência põe fim aos esquemas que foram estabelecidos anteriormente e que não estão adequados para atender algumas mudanças.

Na compreensão de Pain (1985), pela experiência conseguimos transformar o nosso conhecimento, porque gera vários esquemas que nos permite adaptar a realidade, proporcionando meios de mudança de pensamento:

A experiência nos períodos de transição, tem então um papel negativo de acumular (aspecto quantitativo) contradições nos esquemas usados, promovendo a necessidade de inaugurar outros esquemas mais equilibrados (aspecto qualitativo); nos períodos de arraigamento ao esquema, o papel da experiência é aplicar tal estrutura aos diferentes aspectos da realidade, gerando assim múltiplos esquemas, cuja coordenação permite a compreensão do real e suas possibilidades de transformação. (PAIN, 1985, p. 17).

Na dimensão social da aprendizagem, ela se torna um guia do processo ensino-aprendizagem em que acontece o método educativo. Neste seguimento, ocorre a transmissão de cultura na escola e na família, produzindo no sujeito uma cultura particular em tudo o que faz.

Educar significa ensinar, mostrar como que deve ser feito, a maneira que deve ser o indivíduo que a sociedade necessita, a fim de que a criança aprenda e incorpore o que aprendeu, como nos ressalta:

Educar, consiste então em ensinar, no sentido de mostrar, de estabelecer sinais, de marcar como se faz o que pode ser feito. Desta forma a criança aprende a expressar-se, a vestir-se, a escrever, e também a não se sujar, a não se atrasar, a não chorar. A maneira de fazer o que a educação prescreve, tem por objetivo a constituição do ser que determinado grupo social precisa: ser respeitoso, limpo, pontual, sem afetações, etc. Através da ação desenvolvida e reprimida o sujeito incorpora uma representação do mundo, ao qual por sua vez se incorpora e se sujeita. (PAIN, 1985, p.18).

Essa transmissão de cultura vai ser sempre ideológica, visando garantir os interesses da camada dominante, dando continuidade ao processo histórico e a conservação da sociedade, garantindo assim a sua manutenção.

No processo de aprendizagem com função do eu, o ego é uma estrutura que tem por objetivo estabelecer contato entre a realidade psíquica e a realidade externa.

Com relação às condições externas, é comum a criança com problema de aprendizagem apresentar algum déficit real do meio devido à confusão dos estímulos, à falta de ritmo ou à velocidade com que são brindados ou à pobreza ou carência dos mesmos e, em seu tratamento, se vê rapidamente favorecida mediante um material discriminado com clareza, fácil de manipular, diretamente associado à instrução de trabalho e de acordo com um ritmo apropriado para cada aquisição.

As condições internas da aprendizagem fazem referência a três planos estreitamente inter-relacionados. O primeiro é o corpo como infra-estrutura neurofisiológica ou organismo que favorece ou atrasa os processos cognitivos e que é mediador da ação. O segundo refere-se à condição cognitiva da aprendizagem, ou seja, à presença de estruturas capazes de organizar os estímulos do conhecimento. E por fim, o terceiro plano se refere às condições internas da aprendizagem que estão ligadas à dinâmica de comportamento.

Podemos resumir a definição de condições externas como aquelas que definem o campo do estímulo e condições internas as que definem o sujeito. Ambas podem ser estudadas em seu aspecto dinâmico, como processos, e em seu aspecto estrutural como sistemas de forma que, a combinatória de tais condições nos leva a uma definição operacional da aprendizagem, pois determina as variáveis de sua ocorrência.

4.1 OS TRANSTORNOS DE DESENVOLVIMENTO QUE PODEM SER DESENCADEADOS PELAS RELAÇÕES FAMILIARES

A partir do seu nascimento, a criança vai internalizando a expectativa que seus pais têm de que ela seja bem sucedida. Desde a pré-escola os pais se inquietam com as performances intelectuais de seus filhos e suas possibilidades de

sucesso. Quando o sujeito não corresponde a este panorama para ele imposto, aparece o chamado *sintoma ou transtornos de desenvolvimento*.

Procurar compreender o sintoma é, antes de tudo, tentar explicitar os significados que ele tem para a família e, mais ainda, buscar as relações vinculares, os mitos, segredos e lealdades que muitas vezes então engajados no processo, dando-lhe sustentação.

Soifer (1983) apud Yaegashi (2007) nos relata que estes transtornos podem ocorrer na infância e adolescência. Entre eles:

1) Transtornos de conduta (pânico, fobias, timidez, explosões de raiva, mentiras, furtos, condutas anti-sociais e etc); 2) transtornos de linguagem (atraso na aquisição da linguagem, gagueira, fala infantilizada, etc); transtornos de esfinterianos (enurese, encoprese); 4) transtornos do sono (insônia, pesadelos, sonambulismo e etc); 5) doenças psicossomáticas (asma, bronquite, náuseas e vômitos, dores abdominais, úlcera, doenças de pele, reumatismo, artrite, nefrite, soluços, tremores, tiques, cefaléia, enxaqueca, transtornos alimentares e etc); 6) transtornos de aprendizagem escolar. (SOIFER, 1983, apud YAEGASHI, 2007, p.76).

Esses sintomas aparecem em crianças e adolescentes mediante situações críticas ou traumáticas na família como: separação dos pais, situações de luto (morte de um dos pais, morte de um irmão ou outro familiar, morte de um animal de estimação, etc), a enfermidade em alguém da família, acidentes, mudança de cidade, mudanças de escola, fracasso econômico dos pais.

Um dos fatores que podem provocar tais sintomas surge pela falta de experiência dos pais com situações em que não viveram nas relações de pais e filhos, provocando ansiedade nestes, como nos ressalta o autor:

(...) a dentição, a marcha, o controle dos esfínteres, a elaboração do Complexo de Édipo, a chegada de um irmão, o início da escolarização (educação infantil), o ingresso nas séries iniciais do ensino fundamental, a pré-adolescência e a adolescência. (SOIFER, 1983 apud YAEGASHI, 2007, p. 76).

Segundo Yaegashi (2007), os transtornos de desenvolvimento podem acontecer por situações de abuso psicológico, que é um padrão de comportamento destrutivo, exercido na maioria das vezes por adultos como pais, professores, entre outros. Este ato gera atitudes que dificulta que as necessidades básicas sejam atendidas, tais como: relacionamentos sustentadores e contínuos; proteção física;

segurança e afeto; experiências adequadas ao desenvolvimento, estabelecimento de limites e regras.

A autora relata por sua experiência psicopedagógica em diagnósticos de transtornos de desenvolvimento que alguns pais nunca estão disponíveis para seus filhos, deixando o seu papel para terceiros, muitos pais com os seus comportamentos causam um abuso psicológico em seus filhos:

1) tratamento com desprezo (castigo, rejeição, humilhação pública e etc); 2) tratamento com terrorismo (atos ou ameaças que causem medo ou ansiedade na criança); 3) isolamento (proibir a criança de ter amigos, trancá-la em casa sozinho); 4) exploração e/ou corrupção (tratar a criança como serviçal, encorajá-la a praticar atos criminosos, obrigá-la a praticar orgias sexuais, etc); 5) negar a reciprocidade emocional (ignorar a tentativa da criança de interagir, não demonstrando afeto); 6) superproteção (fazer tudo pela criança, impedindo-a de desenvolver sua autonomia). (YATEGASHI, 2007, p.77).

Investigar se a criança passa por abusos psicológicos é de extrema importância, pois o mesmo deixa marcas profundas, já que a criança poderá desenvolver depressão, baixa auto-estima, passividade, sintomas psicossomáticos, comportamentos destrutivos e baixo desempenho escolar.

Diante desses conflitos familiares podemos pormenorizar os casos mais comuns que são encontrados na escola, assim como nos relata Ruth Caribé da Rocha Drovét, em seu livro intitulado *Distúrbios da Aprendizagem, 1997*. Sendo eles: criança com desenvolvimento emocional incompatível com a sua idade, instabilidade emocional, tiques nervosos, variações de personalidade como introvertidos e extrovertidos, autismo e dislexia, quando as crianças apresentam perturbações emocionais temos casos de crianças hiperativas, com falta de atenção e incapazes de memorizar.

A autora promoveu uma entrevista realizada com uma professora destacando as causas mais frequentes da ocorrência dos distúrbios emocionais, entre eles, a imaturidade emocional, problemas familiares devido a separação, mortes, acidentes, assalto, enchentes, incêndio ou qualquer outro drama familiar. Esses distúrbios emocionais podem acontecer também quando a criança não se adapta na escola, incompatibilidade com o professor, métodos inadequados e disciplina muito rígida.

Os comportamentos perturbados podem ser classificados em deficientes e excessivos. Os comportamentos deficientes são definidos pela dificuldade em se

adequar às exigências sociais e ambientais. Podemos destacar neste grupo: o autismo infantil precoce; o fracasso escolar; as dificuldades de aprendizagem, os distúrbios de aprendizagem, a subnormalidade mental; a delinquência juvenil; os distúrbios psicofisiológicos ou psicossomáticos.

O autismo infantil precoce acontece devido à dificuldade da criança em interagir com os estímulos externos, perdendo contato com a realidade em que vive. Possui o desenvolvimento físico normal, no entanto, não sorri, não fala e nem reconhece membros da família, possuindo deficiência de afetividade, pela falta do vínculo entre a mãe e o bebê, pouco comum entre as crianças, assim como nos aponta:

É um distúrbio raro, segundo Kanner, pode englobar apenas cerca de 1% das crianças com problemas psicológicos de uma clínica infantil. É mais freqüente em meninos do que em meninas. Aparece geralmente em crianças cujos pais tem um grau profissional elevado e inteligência acima da média. (DROVET, 1997, p. 168).

O fracasso escolar é um distúrbio que surge no início dos anos escolares e posteriormente aos nove a dez anos, aparecendo também em alguns indivíduos em idade adulta. Nas séries iniciais o fracasso escolar pode ser na leitura, escrita e cálculo. As causas mais comuns desse distúrbio é a disfunção cerebral mínima (dcm) e a dislexia.

O fracasso que atinge crianças de nove a dez anos pode ser causado por deficiência intelectual, crianças com inteligência um pouco abaixo do normal, podendo ter habilidades em técnicas, manuais ou artísticas.

De acordo com Drovét (1997, p.168), o fracasso pode ocorrer com variações diferentes, “dependendo de sua personalidade e de seu temperamento”. Alguns alunos tornam-se apáticos e desinteressados, outros se tornam indisciplinados, alguns negativistas opondo-se a pais e professores, alguns se tornam instáveis emocionalmente sendo estudiosos ou relapsos.

Diante dessas reações, o fracasso escolar pode acentuar-se ainda mais, muitas vezes inocentemente os pais e professores podem agravar esse distúrbio. Professores dão notas baixas e fazem críticas aos alunos, a família por sua vez, acaba fazendo comparações com outros colegas ou irmãos e punindo a criança pela falta de sucesso. Na adolescência poderá ocorrer uma reação contra a figura paterna, como nos diz:

Posteriormente, esta negativa que o aluno recebe da família, principalmente na fase da adolescência, se traduz por uma reação contra a figura paterna. Isso porque ele, sentindo-se incapaz de superar o pai, revolta-se e acaba abandonando o lar. Quando sua revolta é passiva ele apresenta desinteresse por tudo o que se refere à aprendizagem, negando-se a estudar ou aprender qualquer coisa e tornando-se relaxado consigo mesmo. (DROVET, 1997, p.169).

Ao conseguir o primeiro emprego, pessoas que tem esse distúrbio produzirão outra negativa, pela falta de preparação, obtendo resultados insatisfatórios que fará com que se considere um incapaz. Gerando um estado de tensão emocional elevado, com sintomas de angústia, fadiga, dores de cabeça e insônia. Agravando-se de acordo com o temperamento e a personalidade do indivíduo.

Esses sintomas com o passar dos anos poderão se transformar em uma obsessão, histeria, algum tipo de fobia chegando até a psicose, neste nível, o indivíduo será afetado profundamente e sem chances de recuperação, passando a viver em constante estado de depressão.

As dificuldades de aprendizagem também podem ser causadas por distúrbios psicológicos, são consideradas mais leves e com o tempo podem ser superadas. Como causas podemos citar: a separação de casa principalmente da mãe de quem a criança é muito dependente e superprotegida, os temores que a criança sente são devidos à insegurança e não devem ser confundidos com fobia escolar.

O distúrbio de aprendizagem aparece em crianças que são normais fisicamente e mentalmente e são até dotadas de inteligência um pouco acima da média, no entanto, possuem dificuldade para aprender a ler e a escrever.

A subnormalidade mental é encontrada em crianças que apresentam o desempenho abaixo do esperado da sua faixa etária. Sua causa pode ser por retardamento de origem hereditária, por lesão cerebral ou por retardamento do desenvolvimento orgânico.

A delinquência juvenil acontece quando crianças não conseguem distinguir o que é aceito ou não pela sociedade, tornando-se um transgressor da lei. De acordo com Drovét (1997), a origem da delinquência está ligada ao tipo de organização da personalidade do indivíduo, que pode ser violenta, impulsiva, sendo também como fator preponderante à educação familiar e a classe social em que vive.

Para a autora os distúrbios psicofisiológicos ou psicossomáticos, têm origem emocional, relacionado dificuldade do funcionamento do organismo. Dentre eles,

podemos ressaltar: a asma que é uma doença que altera a função respiratória modificando o seu ritmo. Segundo L. Rees apud Drovét (1997, p.173) a origem dessa enfermidade aparece devido a um forte trauma emocional. Como nos relata: “(...) a perda de um dos pais, a separação dos pais, as brigas em famílias e etc.”.

A enurese e encoprese ocorrem quando a criança não consegue ter o total controle dos esfíncteres da bexiga e do intestino. São ocasionadas por um retardo de maturação biológica que são agravados pelo componente emocional.

A enurese consiste em molhar a cama durante a noite, é comumente encontrada em crianças de até mais de três anos, podendo durar até os cinco anos ou mesmo prolongar-se até os dez a doze anos. Podendo atrapalhar a concentração nos estudos, pois a criança tem medo de que os outros descubram. Tendo várias teorias para explicar esse distúrbio, o emocional, atribuindo o ciúme de irmãos menores ou carência afetiva, acontecendo principalmente em meninos.

A encoprese consiste em evacuar nas calças, podendo prosseguir até os sete a oito anos chegando a alguns casos na puberdade, ocasionando sérios problemas emocionais que seguramente prejudicarão os estudos.

Os tiques são perturbações fisiológicas da coordenação motora, tais como movimentos involuntários com os olhos, cabeça, mãos, pés e ombros. São movimentos repetitivos e imperiosos, com intervalos irregulares que geralmente aumentam quando a pessoa fica emocionalmente abalada e desaparecem enquanto ela dorme.

Os comportamentos excessivos são os que ocorrem pela dificuldade em se adaptar a vida social podendo ser agressivos ou retraídos, que abrange: a ansiedade, medo e fobias e comportamentos psicóticos.

Segundo B. L. Welsh apud Drovét (1997), o comportamento agressivo é um retardo permanente ou uma predisposição constitucional para agressão. Ocorre quando algum estímulo perturba a pessoa, outra pessoa, situações econômicas, sociais ou emocionais em que o indivíduo está vivendo, além disso, pode ser originado por um distúrbio hormonal, bem como fatores hereditários.

Os fatores que favorecem a agressividade são as frustrações, quando o indivíduo é impedido de fazer alguma coisa ou não consegue realizar o seu objetivo, podendo aumentar ainda mais esta agressividade quando a criança é punida

violentamente pelo seu comportamento, tornando-se altamente agressiva pelo modelo de reforço do pai.

Na medida em que estes comportamentos violentos se transformam em casos patológicos, pode causar até mesmo a evasão escolar como nos relata (DROVET 1997, p. 177): “(...) eles passam a causar problemas de aprendizagem, de adaptação à escola e de interação social. Constituem uma das causas da evasão escolar, devendo ser tratados por psicólogos e psiquiatras”.

Os comportamentos retraídos significam fugir de qualquer interação social. As pessoas que tem este comportamento atendem ao meio exterior e a outras pessoas com comportamentos de fuga.

O distúrbio da ansiedade acontece quando o indivíduo apresenta um sentimento de fuga, procurando evitar qualquer estímulo desagradável, como dor, medo, insegurança, indiferença ou violência. Podendo ocorrer desde o seu nascimento de maneira inata.

Pessoas ansiosas podem demonstrar sintomas como mudanças no ritmo cardíaco, transpiração abundante, respiração alterada e ofegante, modificação do comportamento motor como tremores, hiperatividade, movimentação desordenada, preocupação, apreensão, medo, por algum problema que não consegue distinguir e gagueira nervosa.

As crianças que tem ansiedade são depressivas, possuem poucos amigos, são desanimadas e tem grandes crises de choro, como nos relata:

As crianças com perturbação emocional, tendem a fugir do convívio com outras crianças. São chamados alunos “isolados” na escola. São crianças retraídas, tem poucos amigos e também poucos interesses. São sujeitas a freqüentes crises de choro, muitos sensíveis a críticas e muito preocupadas, desanimando com facilidade diante de qualquer fracasso. Tem pouco entusiasmo e interesse pelas coisas, são normalmente tristes e muito aflitas quando devem efetuar uma tarefa. (DROVET, 1997, p.178).

As perturbações de origem emocional dificultam a criança a aprender, mesmo que tenha capacidade para isso, não se tornam bem adaptadas, são retraídas e fortemente negativas, essas mudanças no seu comportamento aparecem mesmo quando ainda são bebês, manifestando-se na área do sono, alimentação e da eliminação dos esfíncteres.

Com esses sintomas, a criança poderá construir um processo de repulsa ao estudo e a escola, propiciando dificuldades de aprendizagem, além do que será punida por professores com notas baixas devido ao seu rendimento ser insuficiente e os seus pais pelo seu baixo desempenho escolar, com descontentamento destes e castigos. Mediante esse contexto, o indivíduo relacionará escola, estudo e professor com punição e castigo, ficando cada vez mais ansioso e ressaltando o que Drovét (1997) chama de “fobia escolar”, recusando frequentar a escola e provocando uma verdadeira aversão a ela.

Como defesa para a aversão escolar, relata alguns sintomas, como:

Como defesa a essa aversão, ela poderá apresentar sintomas físicos de náuseas, dor de estômago, diarreia, dor de cabeça ou qualquer outra dor. Todos os dias aparece um sintoma diferente, que serve de pretexto para ela ficar em casa. Na verdade o que ela teme é deixar a segurança do lar e a proteção da mãe. Ela se sente profundamente insegura com isso. (DROVET, 1997, p.179).

A fobia escolar aparece em crianças pequenas da pré-escola ou das primeiras séries do primeiro grau, atingindo a ambos os sexos. Outra forma em que se dá essa fobia é quando há uma ausência longa da criança fora da escola por viagem ou doença, em que a criança não consegue interagir com o grupo, ficando atrasada.

Relatados todos os transtornos de desenvolvimento ou aprendizagem e seus sintomas que podem ser desencadeados de acordo com as dinâmicas familiares, é essencial que a família repense sua organização para tentar contribuir com a criança em superar as dificuldades de aprendizagem, além disso, encaminhá-la a um profissional capacitado como o psicopedagogo para intervir nesse processo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento de nossa pesquisa, compreendemos que as famílias foram transformando-se através dos tempos, passando por várias estruturas e modalidades que contribuíram a partir de suas funções na transmissão dos hábitos, conhecimentos e atitudes necessárias para a prole participar na vida em grupo. No que se refere à função educacional é necessário distinguir entre a instrução e a formação, ou seja, a educação propriamente dita, que implica transmissão de valores morais, religiosos e sociais para o pleno desenvolvimento do indivíduo.

A família é normalmente o primeiro grupo social a que pertence o ser humano e entre todas as instituições sociais é aquela pela qual se realizam contatos mais íntimos, já que grande parte da vida e os acontecimentos importantes em geral são vividos na família.

Jhon Gottman (2001) apud Tânia Zagury (2002) refere-se a família como a primeira escola de aprendizado emocional:

Nesse cantinho íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros reagirão aos nossos sentimentos; como pensar sobre estes sentimentos e que escolhas temos ao reagir, como interpretar e expressar esperanças e medos. (GOTTMAN, 2001, p.25 apud ZAGURY, 2002).

A família moderna, ao contrário, acabou se separando do mundo, opondo-se a sociedade com um grupo solitário de pais e filhos. Os pais percebem o quanto lhes é exigido para criar e educar os seus filhos com êxito num mundo tão complexo. Eles são obrigados a arcar com essa responsabilidade sem maior experiência prévia. É sabido que as maneiras dos pais criarem os seus filhos tem enorme influência sobre o seu desenvolvimento e sobre o tipo de pessoa em que se transformarão.

Dentre os inúmeros fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem prejudicando-o, muitas vezes severamente, está uma ineficiente educação familiar, os pais, principalmente, de forma deliberada ou

inconscientemente, podem permitir ou obstruir o processo de construção da individualidade de seus filhos.

O ambiente familiar precisa satisfazer as necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina, aprendizagem e comunicação, pois é nele que se estrutura a mais importante forma de aprendizagem: a de estabelecer vínculos, isto é, a capacidade de aprender a se relacionar por trás de muitos distúrbios de aprendizagem ou de inadaptação da criança à escola. Esconde-se algum tipo de tensão emocional cuja origem encontra-se no universo familiar. Não é possível compreender a criança separada do seu lar, ela só pode obter maturidade emocional quando os adultos, com os quais convive, são emocionalmente maduros.

É preciso que se valorize o trinômio família-aprendizagem-escola de cuja harmonia depende o desenvolvimento satisfatório da criança. A escola, um dos mais importantes agentes de promoção de equilíbrio infantil e juvenil, pode compensar "déficits" oriundos de uma ineficiente educação familiar, assim também como uma boa ação psicopedagógica.

Finalizando esta discussão destacamos que, este estudo não esgota todas as possibilidades de compreensão de como as dinâmicas familiares podem interferir no processo de aprendizagem da criança. O estudo desenvolveu uma breve pesquisa bibliográfica cujo objetivo era estabelecer essas relações e destacar como a dinâmica e a interação familiar são essenciais para o pleno desenvolvimento do ser humano e a sua aprendizagem. Abrem-se, assim, novas perspectivas de trabalho nessa temática que poderão também contribuir para novos esclarecimentos.

REFERÊNCIAS

- BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- BRASIL. Lei 8.069 – ECA - **Estatuto da Criança e do Adolescente**, de 13 de julho de 1990.
- BRASIL. Lei 9394 – LDB – **Lei das Diretrizes e Bases da Educação**, de 20 de dezembro de 1996.
- DROVET, Ruth Caribe da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem**. Série Educação. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- FONSECA, Neumar Gianotti. **A influência da família na aprendizagem da criança**. 1999. Disponível em: <<http://www.cefac.br/library/teses/ab197be20bb61cc49ca2e591c0171417.pdf>> . Acesso em 18 de junho de 2009.
- GOMES, Valéria Rodrigues Dias e OLIVEIRA, Selmane Felipe de. **A escola e a Família: abordagens psicopedagógicas**. Taubaté: Cabral, 2003.
- HITO, Clarice Furini Cascardo, BUENO, Moisés José. **Limites na Educação dos Filhos e sua Influência no Contexto Escolar e Social**. Tomazina: Gráfica IGOL, 2004.
- ORSI, Maria Julia Junqueira Scicchitano. **Família Contemporânea: Reflexões e Repercussões na Educação e na Aprendizagem Escolar**. 2003. Disponível em: <http://www.hid0141.blogspot.com/2007_10_01_archive.html>. Acesso em: 26 de janeiro de 2009.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. **A Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- SOUZA, Audrey Setton Lopes. **Pensando a inibição intelectual: perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- WEISS, Maria Lucia Lemme, **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- WEISS, Maria Lucia Lemme, **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 08 ed. 2002.
- YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **Família Desenvolvimento e Aprendizagem: Um Olhar Psicopedagógico**. In: RODRIGUES, Elaine. Rosin, Sheila Maria. Maringá: Eduem, 2007.

YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **Avaliação e Intervenção Psicopedagógica**. In: ESAP, Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação. Curso de Pós-Graduação (latu sensu) Psicopedagogia abrangência institucional e clínica: Copyright, 2007.

YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **Dinâmica das Relações Familiares**. In: ESAP, Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação. Curso de Pós-Graduação (latu sensu) Psicopedagogia abrangência institucional e clínica: Copyright, 2007.

ZAGURY, Tânia. De pais para filhos. **Revista Isto é**, São Paulo, n.1729, novembro de 2002.